

José Joaquim Nogueira da Rocha (1936-2023)¹



*António Correia de Campos,
antigo Ministro da Saúde*

Numa altura em que está em causa algo tão simples como a autonomia da gestão dos hospitais, devemos recordar e honrar quem por ela toda a vida se bateu. José Joaquim Nogueira da Rocha começou como administrador de um estabelecimento dos então denominados Hospitais Cíveis de Lisboa (HCL) um conglomerado velho de séculos, de sete hospitais, então com quase 4 mil camas e outros tantos funcionários, tendo sido mais tarde administrador-geral de todo o conjunto.

Tinha transitado da Direção-Geral dos Hospitais, onde a convite de Coriolano Ferreira, diretor-geral, fora o primeiro chefe de repartição. Os Cíveis, como eram então designados os HCL, tinham um administrador-

geral e sete administradores um por cada estabelecimento. Nogueira da Rocha foi um dos primeiros. Criado o Curso de Administração na ENSP, entendeu que deveria graduar-se, o que fez com distinção em 1971-1972 com uma dissertação já premonitória pelo título, O Hospital Público Empresa Pública, aplicação a um futuro Hospital Ocidental de Lisboa. Mais tarde a sua tese de doutoramento com o título O Hospital, Estrutura, Dinâmica de Gestão e Desenvolvimento Organizacional, retomou esta ideia-força. Sem o longo e ilustre magistério de Coriolano Ferreira e sem estes dois trabalhos teria sido mais difícil ou até impossível a criação dos hospitais-empresa, primeiro sob a forma de sociedades anónimas (SA), depois sob a forma de entidades públicas empresariais (EPE), o maltratado modelo de gestão hospitalar que hoje possuímos.

Os administradores hospitalares devem-lhe a clareza da missão, a qualidade do estatuto e boa parte da sua reputação. Como em tempos afirmei, "... (Nogueira da Rocha) jamais abandonou estes temas, quando passou a ter funções de diretor-geral ao nível

¹ Intervenção no Fórum de Tecnologia e Inovação em Saúde, organizado pela APAH. Cerimónia de atribuição da 1ª Bolsa José Nogueira da Rocha para projetos de melhorias de processo em áreas não-clínicas de unidades do SNS, em 23.06.23

dos ministérios. E foi sempre capaz de, não só verter para os outros setores – Segurança Social, Instalações e Equipamentos – o que aprendeu nos hospitais, como trouxe para os hospitais o que fora deles aprendeu ou experimentou. Sem ter ânimo corporativo, defendeu sempre a carreira, recorrendo quando podia, a colaboradores com formação especializada em administração”.

“ Os administradores hospitalares devem-lhe a clareza da missão, a qualidade do estatuto e boa parte da sua reputação. Como em tempos afirmei, “... (Nogueira da Rocha) jamais abandonou estes temas, quando passou a ter funções de diretor-geral ao nível dos ministérios. E foi sempre capaz de, não só verter para os outros setores – Segurança Social, Instalações e Equipamentos – o que aprendeu nos hospitais, como trouxe para os hospitais o que fora deles aprendeu ou experimentou. Sem ter ânimo corporativo, defendeu sempre a carreira, recorrendo quando podia, a colaboradores com formação especializada em administração”

Mas o nosso amigo José Nogueira da Rocha foi também precursor na importância atribuída aos serviços de apoio, quer os de

instalações e equipamentos quer os hoteleiros. Demonstrando que sem infraestruturas de qualidade e serviços acolhedores dificilmente se ganhará o efeito terapêutico completo. Para que o doente se sinta bem e acarinhado, necessita de ter conforto higiénico, térmico, sonoro, alimentar, hoteleiro e de amenidades, em geral. A roupa hospitalar tem que estar impecável, as refeições equilibradas, corretas e atraentes, o controlo térmico à prova de ondas de frio e de calor, os televisores e demais meios de comunicação e chamada inteiramente acessíveis e operacionais. Para que tal suceda há um batalhão de gente a organizar e gerir e uma complexa logística a criar, manter, avaliar e melhorar. Nogueira da Rocha foi um dos primeiros a considerar esta uma matéria de primordial importância. Daí a sua passagem pelos altos cargos de diretor-geral da DGIES e de presidente do SUCH, onde deixou marcas indeléveis de competência e operacionalidade.

Na sua passagem pela Segurança Social como diretor-geral escolhido por Coriolano Ferreira, então secretário de estado de três governos de iniciativa presidencial, relevo a capacidade de transformar o conceito do apoio social da inicial base “bismarquiiana” em “beveridgeana”, ocorrida no V Governo Constitucional presidido por Maria de Lurdes Pintasilgo. O facto de a base conceitual ter passado de ocupacional a universal não foi uma pequena mudança, sendo simétrica da ocorrida na Saúde com a integração dos então chamados Serviços Médico-Sociais da Previdência no Serviço Nacional de Saúde, programada desde 1971 e só concluída em 1983.

Nogueira da Rocha era um homem de valores. Antes de mais os valores da família de onde veio e daquela que constituiu e de que não disfarçava o orgulho, nem a remetia para o esconso dos assuntos privados. Cultivou sempre o respeito e a homenagem aos que o ajudaram a crescer fora de casa, os valores da amizade a colegas, colaboradores, subordinados e simples amigos que manteve ao longo da vida. Era direto e leal com quem servia, qualquer que fosse a orientação política

dominante. Trabalhou sempre dedicadamente com todos os dirigentes e políticos que o respeitaram como probo servidor do Estado. Solidário com todos os que poderia ajudar. Imensamente tolerante e sempre dialogante, serviu o Estado, não os partidos; ficou como exemplo de dedicação ao interesse público. Daí que o Ministro da Saúde, representado pela Secretária de Estado Rosa Matos, o tenha agraciado com a medalha de ouro dos serviços distintos do Ministério da Saúde.

Era um homem do Norte na corte de Lisboa. Viajava constantemente entre o Norte e o Sul. Tinha espírito inovador, iniciativa e sentido de risco. Sem deixar de ser sempre cauteloso e muito seguro nos passos que dava, mesmo na sua economia familiar. Reunia a segurança das gentes de Entre-Douro e Minho, com a mundividência lisboeta e a aprendizagem que procurava no estrangeiro, sobretudo em França, onde criou e cultivou fortes amizades profissionais.

José Nogueira da Rocha poderia ter sido um expoente em todos os meios por onde circulou. Partilhou escritório de advogado, em início de carreira, com figuras então prestigiadas no foro, como Marcelo Caetano, Júlio Evangelista e João Bosco Mota Amaral. Poderia ter sido empresário agrícola e industrial de sucesso, seguindo os rumos e os recursos familiares. Poderia ter sido um político prestigiado se tivesse ganho coragem para prosseguir na carreira parlamentar, na ocasião em que foi eleito. Poderia ter sido futebolista profissional como António Oliveira e outros, com quem jogou ou treinou na sua juventude. Preferiu ser apenas administrador hospitalar, alto funcionário e professor universitário.

Deixou-nos na plenitude da sua capacidade intelectual e legou-nos um património de qualidade profissional, tolerância e dedicação pública. O seu aconselhamento permanente ao SUCH e a defesa dos Associados e Utentes foram marcantes nos anos finais da sua carreira, contribuindo de forma efetiva e sempre discreta para a estabilidade legal e institucional de tão importante e útil serviço.

“ Deixou-nos na plenitude da sua capacidade intelectual e legou-nos um património de qualidade profissional, tolerância e dedicação pública. O seu aconselhamento permanente ao SUCH e a defesa dos Associados e Utentes foram marcantes nos anos finais da sua carreira, contribuindo de forma efetiva e sempre discreta para a estabilidade legal e institucional de tão importante e útil serviço. ”

Quando em 1985, em resumo curricular para fins académicos, descreveu a sua vida profissional “como uma trajetória pouco conturbada e igual a muitas outras”, não estava em ato de falsa modéstia, assumia o que pensava ser a vida de um honrado servidor do Estado. Já nessa altura a sua trajetória não era igual a tantas outras e depois passou a sê-lo cada vez menos. A causa pública foi-o chamando para sucessivas missões de crescente importância. E com razão, pois os resultados demonstraram o bem fundado das sucessivas escolhas. Afirmara, então, que a sua caminhada não tinha sido um passeio, mas também não havia sido um tormento. Nas muitas conversas que aqui e ali travávamos, senti-o sempre entusiasmado com as inovações que conseguia realizar, com a passagem à prática do que tinha lido ou idealizado. Pequenas vitórias que juntas preencheram uma vida de rico desempenho.

Eis por que me parece altamente ajustado o nome de José Nogueira da Rocha para a bolsa institucional que a APAH decidiu criar para incentivar projetos de melhoria de processo em áreas não-clínicas de hospitais e centros de saúde. |